

Entre olhos d'água e colecionadora de asas: travessias de um feminismo descolonial

Maria de Jesus Santana Álvares

Orientadora: Ma. Alana Braga Alencar

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21137298>

Apresentação

Sou Maria de Jesus, mulher negra, Psicóloga que atua em comunidades há aproximadamente 19 anos, em especial com mulheres. Moro no Litoral Pernambucano e venho de uma ancestralidade de disparidades: minha mãe, mulher preta, vinda da zona rural canavieira, sentiu o gosto amargo para vencer na vida, mas meu avô, trabalhador do corte da cana, quis que seus filhos estudassem para ter um futuro diferente do que vivia, realizando assim o êxodo rural para a “cidade prometida” Ipojuca, nome indígena (Iapoiuque) que significa rio negro. Meu pai, homem gay, branco, foi bancário e veio de uma família muito patriarcal, com posses em relação a latifúndios, sendo considerado de elite do município de Vitória de Santo Antão. Ambos foram professores.

Dois contrastes e uma única ligação: com a terra, com o campo. Convivi com essa disparidade e encontro ao longo da minha história, incluindo violências, sendo atravessada por questões coloniais (Quijano, 2005), mas é na questão da colonialidade de gênero (Lugones, 2014) que quero tocar nesse escrito, pois sua imposição

atravessa questões sobre ecologia, governo, relacionar-se ao mundo espiritual e ao conhecimento, bem como cruza práticas cotidianas que tanto nos habitam a cuidar do mundo ou a destruí-lo” (Lugones, 2014, p. 93).

Este Ebó é fruto do que venho experimentando no grupo de mulheres chamado Fio Vermelho, conduzido por Alana Alencar, que são encontros mensais na busca de cuidar umas às outras na resignificação por um feminismo descolonial (Lugones, 2014) nos nossos corpos através de leituras de livros.

Utilizo a cartografia (Battistelli, 2017) como método, pois acredito em uma escrita implicada, atravessada e situada historicamente, criando vínculos, proximidade com quem lê. Escrever cartas para mim vai além de uma simples estética; é

dialogicidade (Buber, 2001; Freire, 1987) e compromisso com as histórias que me atravessam. Nesse sentido, você irá se deparar com três cartas: uma para Dona Conceição Evaristo, inspirada na leitura de Olhos d'água, primeiro livro lido e vivido no grupo Fio Vermelho, e o que essa leitura reverberou em mim de memórias em minha constituição como mulher negra e os atravessamentos para todo o povo negro. Outra carta para minha sobrinha, Maria Helena, como um “testamento”, o que deixo para ela como desejo, inspirada no livro Colecionadora de Asas; um livro fala de coragem cotidiana e do ponto de vista feminista para uma criança de 06 anos. E finalizo com uma carta dedicada a você, quem está lendo esse escrito, colocando também o que está ficando para mim nessa travessia a respeito do sentido de ser feminista descolonial.

Carta para conceição evaristo

Querida Conceição Evaristo,

Ao receber esta carta, espero que estejas bem! Confesso que passei um bom tempo sem saber por onde começar e o que escrever. Battistelli (2017) fala que escrever dói o corpo, a alma e a mão onde uma folha em branco insiste em encarar. Mas também é hábito, exercício, fluxo e como você mesma demonstra em suas escrevivências, é um ato necessário, político, de memória e de afirmação identitária. Uma escrita que nasce da vida e das experiências compartilhadas, dando voz ao que tentam silenciar.

Escrevo-lhe movida pela inquietação e pela sensibilidade despertadas durante a leitura de sua obra Olhos d'água. Esta carta nasce como um gesto de diálogo com sua escrita e, ao mesmo tempo, como tentativa de atravessar o rio de significados que sua obra apresenta, compreendendo as camadas de memória, dor e resistência que atravessam seus contos. Confesso que tive dificuldade de começar a ler. Chorei, resisti, senti os ouvidos tampados; algo queria me impedir de ir adiante. Choros, dor de cabeça. Medo da dor. O que eu não queria ler? O que eu não queria escutar? O que eu não queria ver? Parece-me que saber, ao ver, revela. Revela a estrutura; o que a colonização fez e a colonialidade (Quijano, 2005) faz com a gente, com o nosso povo, com os nossos corpos-territórios negros (Miranda, 2020; Bayón, Manuel *et al.*, 2017), africanos em diáspora. E a cada conto lido, era uma revelação diferente. Vale ressaltar, que iniciei a leitura em meio às chuvas.

Ao ler Olhos d'água, senti que cada conto era como um espelho líquido onde muitas histórias se refletem: histórias de mulheres, de fome, de ausência, de luta e de esperança que insistem em sobreviver.

Ao percorrer as águas profundas desta obra, sua escrita me atravessou como memória que insiste em permanecer; veio a memória ancestral de um relato que minha mãe e meus tios fizeram em uma reunião festiva de família; eles diziam que chegaram a comer peixe com farinha... para encher a barriga. Uma vivência de insegurança alimentar vivida pela minha mãe e meus tios. Fez-me lembrar em meio ao choro a razão de que quando estava sozinha em casa e comia demais no almoço, cozinhava em excesso apenas para mim (medo da fome, da escassez).

Essa memória aconteceu no primeiro conto; um conto muito marcante para mim. Logo nas primeiras páginas, fui tomada pela pergunta que ecoa na narrativa: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Essa pergunta, aparentemente simples, carrega uma dimensão profunda de memória e pertencimento. Ao longo do conto, percebi que recordar não é apenas um exercício de lembrança, mas também um gesto de reencontro e ressignificação com a própria história.

Em determinado momento, a senhora escreve: “Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!” (Evaristo, 2016, p. 17-18). Aqui, também chorava e chovia tanto dentro de mim como fora; vale ressaltar que, no momento em que li este conto, estava chovendo. Chovendo muito que parecia cinza. A chuva estava chorando comigo; foi um encontro de águas. Águas não só de memória, foi de dor do que sei e ainda não sei, mas também foi de banho como uma das imagens mais marcantes desse conto: “a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum!” (Evaristo, 2016, p.18-19). Nesse momento, também compreendo que as lágrimas da (minha) mãe não representam apenas sofrimento; elas simbolizam também a ancestralidade, a espiritualidade e a força que atravessa gerações. Comigo também foi assim. Um banho de beleza.

Essa dimensão ancestral também aparece quando você reconhece a herança das mulheres que vieram antes: “Eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue” (Evaristo, 2016, p. 18). Ao ler esse trecho, percebi como sua escrita resgata uma memória coletiva que durante muito tempo foi silenciada.



Ler, olhar cada conto desta sua obra, revela-me que as histórias das mulheres negras não são apenas tratadas como algo individual, mas também coletiva marcada pela resistência. Nesse sentido, sua literatura dialoga com o pensamento de bell hooks (2013), que entende a escrita como um espaço de reconstrução da subjetividade negra e de enfrentamento das estruturas de opressão. Além disso, seus contos também evidenciam as desigualdades sociais que atravessam a experiência de muitas famílias brasileiras, como insegurança alimentar, escravidão moderna, condições de habitações precárias, abuso e exploração sexual, genocídios/morte dos corpos negros, aborto, ruptura dos direitos reprodutivos, hiperssexualização e fetiches com o corpo negro, maternidade, relacionamento abusivo, violência contra a mulher, sexualidade do corpo negro, TPM= tensão entre o patriarcado e a mulher⁶¹ preta...). Em um dos momentos mais dolorosos da leitura para mim foi a fome que aparece de forma quase palpável: “(...) da panela não subia cheiro algum... fervia apenas o nosso desesperado desejo de alimento” (Evaristo, 2016, p. 16). Essa imagem revela não só a minha memória ancestral como falei no início, mas também de como a pobreza e a privação fazem parte da realidade de tantas crianças que crescem em contextos de vulnerabilidade, inclusive quando atendi em espaços da Política de Assistência Social.

Ainda assim, sua escrita não se limita a denunciar a dor. Ela também revela a potência da esperança e da reinvenção da vida. Em suas palavras, percebemos que “(...) qualquer vida era um risco, e o risco maior era o de não tentar viver” (Evaristo, 2016, p. 26). Isso mostra que, mesmo diante das adversidades, suas personagens continuam buscando caminhos para existir com dignidade.

Na história de Ayohwa (p.111.) senti-me parida, me vi saindo no ventre de minha mãe. Nascendo. Quem sabe (Re)nascendo? Renascendo como esperança! Eu, você, somos a esperança! Esperança de nossos ancestrais. As futuras gerações... Ressignificar o caminho, a minha/nossa história. Que convite!

Ao terminar a leitura, que foi em um dia ensolarado, percebi que sua literatura permanece reverberando dentro de mim e de quem lê. Suas histórias nos convidam a olhar para o mundo com mais sensibilidade e responsabilidade. Elas nos lembram que cada memória narrada é também uma forma de resistência contra o esquecimento. E

⁶¹ Tensão entre o patriarcado e a mulher (TPM) é um termo utilizado pela Xibitóloga (estudiosa do xibiu) e Educadora Popular olindense Maysa Toledo que realiza momentos de cuidado com as mulheres através da ginecologia natural e política, que nos ajuda a fazermos uma reflexão psicossomática para este fenômeno (Tensão pré-menstrual) que ocorre nas pessoas com útero. Maiores informações, encontram-se na rede social da escola Territórios Afetivos, escola de saúde feminista que a mesma coordena: @escola_territorios_afetivos.

nessa direção, você dialoga com Grada Kilomba quando ela escreve o prefácio da obra de Frantz Fanon (2020) *Pele Negra, máscaras brancas*, convidando-me a refletir o meu papel enquanto Psicóloga Decolonial que é “desobedecer à ausência e para viver na existência” (Kilomba In Fanon, 2020, p.16).

Agradeço-lhe por sua escrita sensível e potente, pela coragem de transformar vida em palavra. Em suas palavras, encontramos não apenas literatura, mas também memória, denúncia e esperança. Elas nos ensinam que narrar experiências é também um gesto de cuidado coletivo e abre caminhos para que outras vozes também se reconheçam e se levantem.

Com admiração, respeito e escuta,

Maria de Jesus

Carta para maria helen

Querida sobrinha,

Hoje quero te escrever uma carta cheia de carinho, inspirada em uma história muito bonita que te contei várias vezes, lembra? Sobre uma menina que gostava de colecionar asas? Pois é... esse livro me faz lembrar de você, porque fala de coragem, de sonhos e de meninas que descobrem que podem voar bem alto, mesmo quando o mundo diz que não.

As asas que a gente coleciona não são só de verdade, como as dos passarinhos ou das borboletas. Existem asas invisíveis, que aparecem quando a gente sonha, quando a gente imagina, quando a gente brinca e quando a gente acredita que o mundo pode ser mais bonito. Cada vez que você sorri, ajuda alguém, faz uma pergunta curiosa ou inventa uma história, é como se ganhasse mais uma asa para guardar.

Sabe, minha pequena, existem pessoas que acham que meninas devem ser quietinhas, obedientes, que não podem subir em árvores, falar alto, escolher seus próprios caminhos ou sonhar coisas muito grandes. Mas eu quero que você saiba, desde já, que isso não é verdade. Você nasceu com asas. Asas invisíveis, mas muito fortes. Asas de coragem, de inteligência, de alegria, de expressão e de liberdade. Ser menina é uma coisa poderosa. Antes de você, muitas mulheres lutavam para que hoje as meninas pudessem estudar, brincar, escolher profissões, dizer o que pensam e decidir o que querem ser. E mulheres negras então, nem se fala! Mulheres e meninas negras são meninas da cor da sua avó e da tua tia, sabia? Essas mulheres e meninas lutaram muito e

ainda lutam. Nunca se esqueça de que, cada vez que você aprende algo novo, faz uma pergunta, defende uma amiga e também um amigo, diz o que sente ou acredita em si mesma, você está fazendo suas asas crescerem e criarem cores!

Talvez, em alguns momentos, alguém diga que você não consegue, que é difícil, ou que não é coisa de menina. Quando isso acontecer, lembre daquela bailarina que colecionava asas de vários jeitos e cores. Ela não guardava asas para ficar parada. Ela guardava asas para voar mais longe. E você também pode voar. Pode voar nos livros, nos sonhos, nas ideias, nas brincadeiras e nas escolhas que fizer para sua vida.

Nunca tenha vergonha de ser quem você é. Nunca tenha medo de ser forte e de assumir seus limites. Nunca deixe ninguém cortar suas asas.

Que você cresça sabendo que pode ser o que quiser: cientista, professora, artista, jogadora, médica, escritora, agricultora, astronauta, secretária... ou tudo isso junto. O mundo precisa de meninas que voam, porque quando uma menina voa, ela abre caminho para muitas outras voarem também. Mais bonito ainda, é quando a gente voa juntas!

O meu desejo é que você nunca deixe de colecionar suas asas. Colecione asas de coragem para tentar coisas novas. Colecione asas de alegria para rir bem alto. Colecione asas de bondade para cuidar das pessoas, dos bichinhos e da natureza, de construir um mundo melhor assim como a menina Cacau⁶² sonhou e fez, lembra? Colecione asas de imaginação para voar bem longe, mesmo sem sair do lugar. Colecione asas da potência do nosso feminino, mesmo que o mundo tente te calar. Colecione as asas da espontaneidade.

Quando você crescer, talvez não se lembre de todas as brincadeiras, mas as asas que você juntar dentro do coração vão ficar para sempre com você. Elas vão te ajudar quando sentir medo, quando ficar triste e também quando quiser voar em direção aos seus sonhos. E sempre que precisar, lembre que aqui existe alguém que torce por você, que acredita em você e que também guarda asas de acolhimento, ninho e lembrando, sempre que for preciso, que suas asas são suas e ninguém pode tirá-las.

Coragem, minha sobrinha querida! Que suas asas sejam o seu recurso ancestral!

Com muito carinho, de quem acredita no seu voo,

Sua Tia.

⁶² FORMOSO, Renata. Cacau e o espetáculo musical / Renata Formoso; Ilustrado por Ana Paula Azevedo, Diagramação por Wilian Yamamoto - São Paulo: Editora Catavento Books, 2023.

Carta de encerramento: a quem lê, a quem sente, a quem continua

A você que chega até aqui, que percorreu comigo as linhas que não são apenas linhas, mas marcas e travessias, escrevo esta carta para dizer que as cartas que vocês leram não se encerram como um ponto final. Elas respiram como continuidade. Elas insistem; são rastro e semente.

Escrever em forma de cartografia foi recusar o distanciamento frio da escrita que se observa de longe e que nos foi ensinado e posto por muito tempo; escolhi envolvimento, o corpo implicado, a palavra que sangra e também floresce, ressignifica e resgata nosso poder pessoal (Rogers, 1977) e nossa fala autêntica (Amatuzzi, 1989). Escrever para Conceição foi um momento de muita responsabilidade para mim, mas autorizo-me a escrever com ela naquilo que sua escrevivência nos ensina: que narrar não é apenas ficção; é um modo de existir no mundo.

Ao mesmo tempo, escrevi para minha sobrinha, pequena e potente colecionadora de asas, porque falar de feminismo decolonial sem olhar para o futuro seria trair o próprio sentido da luta. É por ela, e por tantas outras meninas, que escrevemos, resistimos e reinventamos caminhos.

Nesse percurso, fui compreendendo que ser feminista decolonial não é um lugar pronto, mas sim um movimento. É um deslocamento profundo e sincero da nossa história, da nossa forma de escutar enquanto Psicóloga, da nossa presença no mundo, da nossa forma de ser feminista. É aprender a escutar vozes silenciadas, inclusive a nossa própria voz, tantas vezes interrompida pela colonialidade de gênero (Lugones, 2014). É desconfiar das verdades únicas, das histórias oficiais, dos saberes que se pretendem universais, mas que carregam marcas profundas de exclusão. É também um exercício de memória: lembrar de onde viemos, reconhecer nossas ancestrais, honrar as mulheres que vieram antes de nós, mesmo aquelas cujos nomes não foram registrados para seguir construindo a nossa história. Ser feminista decolonial é, portanto, um gesto de reexistência. É reconectar com os nossos povos, com o nosso corpo-território (Miranda, 2020; Bayón *et al.*, 2017) com mais consciência. É um reencontro de fato com as nossas referências. Mas não romantizo, pois é um caminho atravessado por tensões. Há contradições, há dúvidas, há cansaço, há choros. Há momentos em que o mundo parece pesado demais para sustentar asas; e ainda assim, seguimos. Porque ser feminista decolonial também é isso: continuar mesmo quando não há garantias. É reinventar

modos de cuidado, de luta, de afeto. É compreender que a libertação não é individual, mas coletiva.

Quanto a mim, continuo a travessia do grupo Fio Vermelho, mas deixo a você, leitora ou leitor, não uma conclusão fechada, mas um convite: que estas cartas não sejam apenas lidas, mas sentidas; que elas provoquem perguntas mais do que respostas; que elas te atravessem e, quem sabe, te desacomodem, e, sobretudo, te lembrem que há muitas formas de escrever o mundo e há muitas formas de transformá-lo.

À minha sobrinha, sigo dizendo: coleciono asas, mas saiba também reconhecer o chão que te sustenta. A Conceição, sigo agradecendo e escrevendo: suas palavras ecoam em mim, e através de mim. E a você, que me lê agora, que possamos continuar essa cartografia juntas, juntos, junte.

Referências

ALMEIDA, Ana Paula. **A colecionadora de asas.** / Ana Paula Almeida; Ilustrações Susan Chou. Belo Horizonte: Acolá, 2024. 46p.

AMATUZZI, Mauro Martins. **O resgate da fala autêntica:** filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas, SP: Papirus, 1989.

BATTISTELLI, B.M. **Carta-grafias:** entre cuidado, pesquisa e acolhimento. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

DOYLE, Glennon. **Indomável.** / Glennon Doyle; tradução Giu Alonso. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. 320p.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** - 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p.117-142, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Bell Hooks: tradução de Marcelo Brandão. Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILLOMBA, Grada. Fanon, Existência, Ausência. *In*: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p.11-16.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. / organização e apresentação Heloísa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão... *et al.* - 1 ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 59-92.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência / Eduardo Oliveira Miranda. - Salvador : EDUFBA, 2020. 207 p.

ROGERS, Carl. **Sobre o Poder Pessoal**. Tradução de Wilma Millan Alves Penteado. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BAYÓN, Manuel; CRUZ, Delmy Tania; GARCIA-TORRES, Miriam; RUALES, Gabriela; VÁZQUEZ, Eva. **Mapeando el cuerpo-territorio**. Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Quito, Ecuador: Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo, 2017.